

O jovem adulto que reside com os pais: um estudo exploratório

*Miguel Bunge**

*Natalia Ribeiro Galantine**

*Amanda Murari Hauck**

*Ana Paula Lorenzo Marconi**

*Eliana Marcello De Felice***

Resumo

Na atualidade, observam-se muitos filhos em idade adulta morando com os pais. Muitos deles possuem renda mensal que lhes permitiria viver de forma independente, porém fazem a opção por residir com a família de origem. Este trabalho teve como objetivo investigar os fatores psicológicos que contribuem para essa opção. Realizou-se uma pesquisa qualitativa exploratória com quatro adultos do sexo masculino, com idades iguais ou superiores a 30 anos, que residiam com os pais. Como instrumentos da pesquisa, utilizaram-se uma entrevista semiestruturada e três pranchas do Teste de Apercepção Temática (TAT). Os dados coletados revelaram traços de dependência e imaturidade, passividade e insegurança, além de conflitos relacionados ao complexo de Édipo, considerados fatores emocionais que podem contribuir para o prolongamento da permanência na casa dos pais. Esses fatores apareceram encobertos sob um discurso que salientou, como principais causas da situação, dificuldades sociais e econômicas.

Palavras-chave: Desenvolvimento do adulto, relações pais-filhos, complexo de Édipo, maturidade emocional, saúde mental.

The young adult who lives with his parents: an exploratory study

Abstract

Nowadays, adult children living with their parents is a phenomenon that can be observed in several families. Although many of them have an income that would allow them to live independently, they choose to stay in their families' houses. The aim of this paper was to investigate the psychological factors that contribute to this choice. An exploratory qualitative research was carried out with four male adults, of at least 30 years old, who lived with their parents. A semi-structured interview and three boards of the Apperception Thematic Test were used as research instruments. The data collected revealed traits of dependence and immaturity, passivity and insecurity, as well as conflicts related to the Oedipus Complex, all of which can be considered emotional factors that may contribute to the prolonged stay in the parents' home. These factors appeared hidden behind speeches that emphasized social and economic difficulties as the main reasons for the situation.

Keywords: Adult development, parent-child relationship, Oedipus Complex, emotional maturity, mental health.

* Alunos de graduação em Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie

** Professor doutor da Universidade Presbiteriana Mackenzie; e-mail: elianafelice@yahoo.com.br

Introdução

A saída da casa dos pais para residir em moradia própria é um evento marcante na vida do indivíduo jovem, significando uma ruptura relacionada ao crescimento e ao ingresso em uma nova etapa do desenvolvimento psicológico.

Os estudos sobre a psicologia do desenvolvimento procuraram descrever as diferentes fases da vida e suas principais características. Segundo Camarano (2006), a fase adulta inicia-se aproximadamente aos 24 anos de idade e caracteriza-se por um ganho de maior independência e responsabilidade. Levandowski, Piccinini e Lopes (2009) consideram que, nessa fase, é necessária uma ruptura com os pais para que assim se consolide uma verdadeira autonomia e para que ocorra a terceira individuação do desenvolvimento psicológico. O conceito de individuação corresponde ao processo evolutivo da independência psíquica, em que cada vez mais o indivíduo adota suas próprias características e peculiaridades.

A primeira individuação seria aquela, descrita por Mahler (1982), ao final do terceiro ano de vida, relacionada ao que a autora chama de “nascimento psicológico” do indivíduo. A segunda individuação ocorre na adolescência, com o desprendimento da dependência familiar (cf. Blos, 1996) e a terceira individuação acontece na idade adulta jovem, quando o sujeito sofre uma “solidão intrapsíquica normativa” (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2009) pelo fato de não ter mais os pais para poder se apoiar e seguir orientações, visto que ainda nessa época da vida não existem laços e vínculos intensos que os substituam.

Para Pikunas (1981), a fase adulta inicial tem como principal tarefa o ganho de maturidade, de modo a vencer as tendências e vicissitudes infantis e adolescentes. O autor cita alguns critérios globais de maturidade, como maior independência, sensibilidade às necessidades dos outros, tratamento construtivo da frustração, disposição para assumir responsabilidades adultas, entre outros. Quanto à independência do jovem adulto, o autor prefere usar o termo “interdependência”, que se refere a um equilíbrio entre dependência e independência, já que a independência total não existe de fato. Ele cita a interdependência emocional, social e econômica como uma conquista da fase adulta inicial, quando o jovem alcança um nível maior de autonomia emocional em relação aos pais, de independência em relação aos grupos sociais e atinge a capacidade de prover o próprio sustento e o da nova família por ele constituída.

Camarano, Mello, Pasinato e Kanso (2005) analisaram o processo de transição para a vida adulta de

jovens brasileiros, baseando-se nos dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios do IBGE, de 1982 e 2002. Os autores caracterizaram a situação dos jovens que realizaram a transição para a vida adulta pela saída da casa dos pais, observando que nessas transições ocorreu a prevalência do modelo tradicional, isto é, os que a fizeram tornaram-se chefes de família, com ou sem cônjuge, deixaram a escola e ingressaram no mercado de trabalho, com ou sem filhos residindo no domicílio.

A entrada na vida adulta pode ser adiada por uma tentativa de prolongamento do período da adolescência. Blos refere-se a um tipo de síndrome, por ele denominada “adolescência masculina prolongada”, que se caracteriza por uma “perseveração estática na posição adolescente que, sob circunstâncias normais, tem uma natureza de tempo limitado e transitório” (Blos, 1996, p. 29). Segundo o autor, essa situação ocorre porque o indivíduo tenta combinar as gratificações da infância com as prerrogativas da vida adulta e evita encarar as escolhas e opções exigidas no final da adolescência.

Existem diferentes perspectivas entre os teóricos que discorrem sobre a adolescência, surgindo leituras diversificadas sobre o tema. Os autores que se dedicaram pelo estudo da adolescência, na perspectiva psicanalítica, apontaram para as tarefas psíquicas com que se depara o jovem nessa etapa de transição entre a infância e a vida adulta.

De acordo com Aberastury (1980), essa passagem é carregada de conflitos que envolvem a elaboração de um processo de luto relacionado, basicamente, a três aspectos: luto pelo corpo infantil, luto pelo papel e identidade infantis e luto pelos pais da infância. O luto pelo corpo infantil resulta das mudanças na estrutura física e no esquema corporal do adolescente; o luto pelo papel e identidade infantis relaciona-se à confusão vivida pelo adolescente quanto à posição intermediária entre a dependência infantil e a independência adulta; e o luto pelos pais da infância envolve o conflito do adolescente entre o desejo de permanecer atado aos pais protetores e idealizados e o desejo de desligar-se dos pais da infância para ganhar independência e assumir o lugar de adulto.

Todo esse processo de transformação por que passa o adolescente relaciona-se com a nova superação do conflito edípico, que é “ressuscitado” na adolescência a partir da maturidade sexual que torna a fantasia edípica incestuosa passível de realização (Aberastury, 1980). Freud considera que o adolescente deve realizar o desligamento dos pais como objetos de amor libidinal e como figuras idealizadas e detentoras de autoridade suprema:

Ao mesmo tempo em que as fantasias incestuosas são superadas e repudiadas, completa-se uma das mais significativas e, também, uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento da autoridade dos pais, um processo que, sozinho, torna possível a oposição, tão importante para o progresso da civilização, entre a nova geração e a velha. (Freud, 1976, p. 234).

O final da adolescência envolve a conquista de uma maior integração social, realizam-se escolhas amorosas não edípicas e estabelecem-se novas pautas de convivência familiar (Henriques, Jablonski & Feres-Carneiro, 2004).

O prolongamento dos vínculos infantis em relação aos pais bloqueia os caminhos do indivíduo em direção à vida adulta, impede a autonomia que possibilita o encontro da própria identidade madura e o prazer pelo direito a dar seus “voos” pessoais:

Um jovem precisa gostar de pessoas da sua idade e moldar-se pelas de sua própria geração, não pode ser dependente de alguém da geração anterior e que foi um modelo em uma determinada época. Se a dependência se prolonga, torna-se um modelo desestruturador. (Dolto, 1990, p. 29).

A saída da casa dos pais costuma ser encarada como um dos eventos que marcam a entrada do indivíduo na vida adulta, pois representa um movimento de separação dos pais, indicativo do alcance da maturidade adulta (Cervený & Berthoud, 2002; Henriques, Jablonski & Feres-Carneiro, 2004).

Os filhos adultos que moram com os pais fazem parte de um grupo denominado por alguns autores “geração canguru” (Cobo & Saboia, 2010; Henriques, Jablonski & Feres-Carneiro, 2004; Machado & Predebon, 2008). Segundo Machado e Predebon, a geração canguru caracteriza-se por:

jovens adultos, de ambos os sexos, oriundos de famílias urbanas de nível econômico médio que, apesar de considerados aptos para a vida profissional, parecem ainda não estarem prontos para a vida fora dos limites da casa dos pais. (2008, p. 1).

Segundo as autoras, esses jovens ainda não conseguiram finalizar o processo de separação-individuação das figuras parentais e a vivência dos lutos que fazem parte desse processo. As autoras realizaram uma pesquisa com três famílias de nível socioeconômico médio, cujos

filhos, adultos jovens, de 26 anos ou mais e que haviam concluído a graduação, ainda residiam com a família de origem. Concluíram que a opção de morar com os pais seria, para esses jovens, uma forma de evitar possíveis conflitos diante das incertezas do mundo do trabalho, das experiências afetivas e do mundo social.

Silveira e Wagner (2006) realizaram uma pesquisa com quatro adultos jovens, dois rapazes e duas moças, na faixa etária dos 27 aos 35 anos, para analisar aspectos psicológicos e sociais envolvidos no processo de permanência na casa dos pais do adulto jovem solteiro. Entre as conclusões apontadas pelas autoras, encontram-se as dificuldades do jovem para deixar de desfrutar do padrão de vida oferecido pelos pais, dificuldade de autonomia e de desenvolvimento da identidade, além de relações marcadas por excesso de zelo e cuidados dos filhos com os pais e vice-versa.

A pesquisa de Cobo e Saboia (2010) buscou mensurar a “geração canguru”, no Brasil e regiões metropolitanas, e avaliar sua evolução e perfil ao longo da última década. As autoras basearam seu trabalho nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2008. Verificaram que 40% dos domicílios tinham moradores de 25 a 34 anos e que a presença deles era mais significativa nas famílias de renda superior. Os jovens com mais anos de estudo (11 anos ou mais) e com trabalho com carteira assinada formavam a extensa maioria dos que residiam com os pais, mostrando que a “geração canguru” é formada, em sua maioria, por jovens com melhor condição financeira e estabilidade profissional.

Paralelamente ao desenvolvimento individual do ser humano, a família também passa por fases que implicam transformações e reorganizações ao longo do tempo. Cervený e Berthoud (2002) estudaram os “ciclos vitais familiares”, procurando compreender as etapas que fazem parte da vida das famílias. As autoras referem-se à “fase madura”, que consiste em uma etapa do ciclo vital familiar que envolve a maior autonomia dos filhos, sua saída de casa, a entrada de novos membros e a perda de outros. Trata-se de uma etapa da vida da família em que se transforma a relação entre pais e filho, quando este último torna-se capaz de gerenciar a própria vida, dando todos os sinais de sua conquista de autonomia. As autoras afirmam que, entretanto, existe uma ambiguidade, tanto no jovem adulto quanto nos pais, para enfrentar a separação da família nuclear. A saída do filho de casa relaciona-se, segundo as autoras, com questões multigeracionais, ou seja, denota um padrão transmitido de geração em geração, mas que é sempre ambivalente para a família.

Para Dolto (1990), as projeções dos adultos e da sociedade sobre o adolescente podem levar ao prolongamento dessa fase. Segundo a autora, o jovem sai da adolescência quando a ansiedade dos pais deixa de produzir sobre ele qualquer efeito inibidor, por exemplo, um sentimento de culpa. Dolto reforça a dimensão interpessoal presente na situação de prolongamento da adolescência e concomitante adiamento de entrada na vida adulta. Trata-se de uma configuração familiar em que ambos, pais e filhos, participam e interagem para manter uma situação regressiva e evitar os lutos pelas perdas naturais que fazem parte do crescimento e independência dos filhos.

Este trabalho teve como objetivo principal investigar os fatores psicológicos que contribuem para a opção de jovens adultos de morar com os pais. É fruto de uma pesquisa com quatro adultos do sexo masculino, com idades iguais ou superiores a 30 anos, que residiam na casa dos pais.

A escolha por realizar a pesquisa exclusivamente com pessoas do sexo masculino deveu-se ao fato de se considerar importante homogeneizar a amostra da pesquisa quanto ao gênero, já que os motivos psicológicos presentes na situação de morar com os pais podem se apresentar de forma diferenciada, segundo se trate de homens ou de mulheres, de filhos ou de filhas.

Uma das importâncias do tema deve-se ao fato de não existirem muitas pesquisas que proporcionem uma compreensão psicológica mais aprofundada dessa situação vivida por diversos jovens na atualidade. Além disso, espera-se que essa compreensão possa contribuir para o diagnóstico e intervenção nessas situações que podem gerar conflitos, angústias e dificuldades de enfrentamento para muitas famílias.

Material e método

Participaram da pesquisa quatro sujeitos do sexo masculino, com idades iguais ou superiores a 30 anos, que moravam com os pais desde a infância. Foram excluídos os sujeitos que já haviam morado fora e que retornaram à casa dos pais. Todos os participantes da pesquisa possuíam nível educacional médio ou superior e nível socioeconômico médio ou alto, com renda mensal mínima de cinco salários mínimos. A escolha de homens de nível socioeconômico e educacional mais elevado deve-se ao fato de que as pesquisas apontam que a maior parte da população que prolonga a estadia na casa dos pais possui essas características. Além disso, a pesquisa pretendeu investigar os aspectos psicológicos que interferem nessa escolha, excluindo, assim, possíveis causas econômicas.

Os participantes da pesquisa são apresentados a seguir segundo a idade, estado civil, nível de escolaridade, faixa salarial e familiares com quem reside:

Participante 1: 30 anos, solteiro, nível superior completo, renda entre cinco e sete salários mínimos, reside com a mãe e três sobrinhos, que são filhos de uma irmã que mora em outra residência.

Participante 2: 31 anos, solteiro, nível superior completo, renda entre cinco e sete salários mínimos, reside com a mãe.

Participante 3: 30 anos, solteiro, nível superior completo, renda entre sete e quinze salários mínimos, reside com os pais e um irmão mais novo.

Participante 4: 33 anos, solteiro, nível médio completo, renda entre sete e quinze salários mínimos, reside com os pais e uma irmã mais nova.

Como instrumentos da pesquisa, utilizou-se uma entrevista individual semiestruturada (Apêndice 1), abordando dados de identificação e perguntas relacionadas ao tema pesquisado. Após a entrevista, foram aplicadas três pranchas do Teste de Apercepção Temática (TAT) (pranchas 1, 6RH e 7RH). A prancha 1 foi escolhida por sua temática referir-se à relação com autoridade (pais/professor), atitude diante do dever e também ideal de ego (capacidade de realização, de atingir objetivos propostos). A prancha 6RH, por referir-se à relação com a figura materna (dependência/independência, abandono/culpa) e a prancha 7RH por evocar atitudes diante da figura paterna (Silva, 1989).

A escolha do TAT baseou-se no fato de tratar-se de um teste projetivo de avaliação profunda da personalidade e por ser um instrumento de uso corrente dos pesquisadores. Optou-se pela aplicação parcial do teste, pois a pesquisa privilegiou a entrevista como instrumento principal de coleta de dados, reservando ao teste o lugar de coadjuvante. Foram utilizadas apenas as pranchas que, por suas normas temáticas, se relacionavam com as questões psíquicas, apontadas pela literatura pesquisada como envolvidas com a situação psicológica investigada.

O contato inicial com os participantes ocorreu por meio de indicações de pessoas próximas dos pesquisadores. Apresentaram-se os objetivos da pesquisa e os sujeitos foram convidados a participar dela voluntariamente. Com aqueles que consentiram em participar, foram marcados os encontros, que ocorreram na residência dos participantes ou em algum local por eles escolhido, desde que houvesse condições propícias, como conforto,

privacidade e silêncio para sua realização. Nos dias marcados, foi solicitado aos participantes a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 1), iniciando-se, assim, as entrevistas, seguidas da aplicação do teste. Todo material foi gravado, com a concordância dos participantes. O projeto de pesquisa foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade onde o mesmo foi desenvolvido.

A análise dos dados da pesquisa baseou-se no método clínico-qualitativo (Turato, 2005), e a teoria que fundamentou o estudo foi a psicanalítica. Os conteúdos das entrevistas e as respostas ao TAT foram analisados de modo a verificar a existência de aspectos psicológicos comuns nos sujeitos, buscando discutir sobre a relação entre tais aspectos e a opção por morar com os pais.

Resultados e discussão

A partir da análise das entrevistas realizadas com os quatro participantes da pesquisa e das respostas às pranchas do TAT, foi possível verificar a existência de aspectos psicológicos comuns, que foram classificados em três categorias: dependência e imaturidade; passividade e insegurança; conflitos relacionados ao complexo de Édipo. Apresentamos abaixo as categorias mencionadas e a discussão sobre cada uma delas.

Dependência e imaturidade

A permanência na casa dos pais na vida adulta pode ser explicada por meio de diversas justificativas lógicas e racionais, como dificuldades econômicas, conveniências práticas, entre outras. Porém, como assinalaram Machado e Predebon (2008), as dificuldades psicológicas envolvidas nessa situação podem estar “disfarçadas” por trás de um discurso que acentua as dificuldades sociais e econômicas. Foi possível perceber, por meio da pesquisa realizada, que essas justificativas muitas vezes encobrem aspectos psicológicos menos conscientes, como dependência das figuras dos pais e dificuldades relacionadas ao amadurecimento emocional.

O participante 4, por exemplo, afirma que considera “normal” viver com os pais e conta que a mãe faz tudo por ele em casa. Apesar de achar que ela “pega muito no seu pé”, pois é muito preocupada com ele, afirma que vai sentir muita falta quando sair de casa:

A comida da mãe é boa, né, meu? [...] Mas vou ficar chateado de sair da casa dos meus pais, acostumou, né, cara? [...] Mas você tem que sair um dia... um dia todo mundo tem que sair de casa, né? (Participante 4).

A saída da casa dos pais é sentida por ele como dolorosa, imaginando-se privado da “boa comida” da mãe, expressando, talvez, uma dependência de gratificações orais infantis proporcionadas pela figura materna. Ele pretende sair um dia da casa dos pais porque “tem que”, isto é, trata-se de uma imposição social e não um projeto pessoal. Com um discurso repleto de gírias características de uma fase mais “adolescente”, esse participante revela traços de um comportamento mais imaturo:

Eu sempre fui da bagunça, sou mais da bagunça [...] Minha mãe enche o saco, fala pô, deixa a namorada em casa dormindo e chega às 5 horas da manhã? Eu falo, não é pra sair pra gandaia com a mulherada, é pra tirar uma onda, tomar uma cerveja [...] Estou 15 anos com a mesma namorada, todo mundo fala ‘cara, como é que pode?’, mas tipo assim, a gente começou a namorar muito cedo [...] vou ter que sair por causa da menina, entendeu? Ela mora sozinha, a mãe dela faleceu [...] Mas quando eu casar com a mina eu vou passar fome, to ligado, ela só sabe fazer estrogonofe [...]. (Participante 4).

Observa-se, nesse relato, a ambivalência no que se refere a sair da casa dos pais para assumir o lugar de marido e conquistar a própria independência. Teme que a namorada não se revele uma “boa mãe cuidadora”, como sua própria mãe. Procura prolongar a própria adolescência e, com isso, a dependência das figuras parentais. Indagado sobre as vantagens e desvantagens de morar com os pais, esse participante respondeu:

A vantagem é mãe. Mãe e pai, mãe e pai é “f...” você não esquento com muita coisa, entendeu? [...] desvantagem, ah, desvantagem tem, porque você não fica, deixa eu ver, totalmente, bom, à vontade, tipo assim, não com a família, mas para outras coisas. Pra sair tem que ficar sabendo [...] você tem que dar satisfação. (Participante 4).

O desejo de receber a proteção dos pais encontra-se encoberto por um discurso que fala de um desejo de liberdade, mostrando, assim, suas contradições e seu conflito quanto à necessidade de dependência *versus* independência. Esses resultados comprovam as constatações de diversos autores, como Cervený e Berthoud (2002), de que existe uma ambiguidade no jovem adulto para enfrentar a separação de sua família nuclear.

Chamou atenção, também, no relato acima do participante 4, a dificuldade para referir-se a alguma desvantagem de morar com os pais. De forma semelhante,

o participante 1 afirmou não ver qualquer desvantagem em morar com os pais:

Vantagens são a minha comodidade. Tenho tudo: comida, roupa lavada, apesar de dar dinheiro não preciso me preocupar de fazer compras, de estar faltando alguma coisa [...] vantagem de ter sempre alguém pra mim e, bom, estar sempre perto da minha mãe [...] Eu não fico sozinho, que para mim é a pior coisa, eu não gosto de ficar sozinho. E desvantagem, eu não tenho, tá? (Participante 1).

A comodidade e a companhia da família foram apontadas por todos os participantes como as principais vantagens de morar na casa dos pais, como se vê também na resposta do participante 2:

A vantagem de que tem minha mãe fazendo as coisas, tenho companhia, alguém pra conversar. Acho que se eu morasse sozinho ia sentir falta de companhia. (Participante 2).

Parece que o medo da solidão e a perda das prerrogativas de viver sob os cuidados dos pais atuam como importantes motivos para a permanência desses adultos jovens na casa paterna. Talvez eles expressem dessa forma o temor de não serem capazes de cuidar de si mesmos e da própria vida, evitando o crescimento e o amadurecimento emocional. A casa paterna oferece uma proteção para que não tenham de correr os riscos inerentes ao mundo adulto, como afirmam Henriques, Jablonski e Feres-Carneiro:

O jovem adulto, diante do quadro de incertezas referente ao mundo do trabalho, das experiências afetivas e do mundo social, estaria optando por permanecer na casa paterna [...] A geração canguru vem a ser um fenômeno possível em função da existência de uma bolsa ventral familiar. (2004, p. 13, 26).

As respostas dos participantes ao TAT também contêm elementos que confirmam os traços de dependência e imaturidade observados por meio das entrevistas. Foram comuns as histórias em que o personagem principal vê-se submetido a uma autoridade parental cuja aprovação ele espera obter:

Neste momento eles estão conversando [...] Ele está super preocupado, pois foi para uma festa e acabou tendo um acidente de carro antes disso. Ela está conversando

com ele sobre a irresponsabilidade dele, que caso ele tivesse feito tudo certo, nada disso teria acontecido [...] Ele está tentando se justificar e está procurando encontrar uma solução. Está sentindo medo do que pode acontecer, pois ele estava alcoolizado no momento do acidente. Está pensando em como lidar com tudo isso.

[Como era a relação dos dois?] Essa é a mãe dele, ela sempre queria cobrar dele as coisas, das responsabilidades dele. Sempre que ele fazia algo errado, ela ficava cobrando. (História do participante 2 à prancha 6RH).

Esse objeto aqui o que é? É um violino? [pode ser o que quiser]. Olha, eu acho que ele estava muito frustrado, ele queria ganhar outro presente e aí os pais dele foram lá e deram um violino que era o que os pais sonhavam e ele não tinha vontade de estudar violino. E vai terminar que ele vai acabar estudando contra a própria vontade, né? Acho que aqui ele está bem decepcionado.

[Qual o título da história?] Papai Noel trocou o presente. [Qual o final da história?] Ele aprende o violino, convencem ele a aprender. (História do participante 3 à prancha 1).

Aqui, no caso, talvez a mãe dele, com um olhar de espanto, talvez com alguma notícia que ele contou [...] com uma certa vergonha que ele terminou, vai, com um noivado com a futura esposa, ele tá assim, com a cara meio envergonhado, meio triste pela mãe, porque ela tá espantada porque não queria que ele terminasse, né? Então ela tá com um olhar meio desolado e termina a história que ele não volta com a noiva (risos). Imaginei isso daí.

[O que eles sentem?] Ela tá perplexa e ele tá com vergonha porque, talvez, ele tenha decepcionado a mãe, ou tenha magoado, alguma coisa assim. (História do participante 3 à prancha 6RH).

Talvez fosse a mãe e o filho aqui, e o filho quer falar alguma coisa pra mãe, ou já falou. A mãe está com uma cara de preocupada, ou ele quer contar alguma coisa pra ela, sei lá... Ou já contou, ou vai contar ou não tá com coragem de contar. [O que ele está pensando?] O que ele está pensando? Que vai embora de casa? Pode ser, pode ser... [risos]. Que vai embora, que vai deixar ela e ela não quer escutar, está pressentindo isso. (História do participante 4 à prancha 6RH).

Nesse material é possível perceber a projeção, sobre os heróis das histórias, da relação de dependência dos

sujeitos no vínculo com os pais ou, mais especificamente nas pranchas 6RH, com a mãe. A falta de independência e autonomia do herói diante das imagens parentais, sentidas como autoritárias, ou às quais o sujeito não quer decepcionar, impede que ele possa decidir sobre suas escolhas e decisões. Na primeira história, a mãe é colocada no lugar daquela que responsabiliza o filho por suas ações, cobrando uma atitude adulta que ele parece não conseguir adotar. O infantilismo na relação aparece na referência à figura do Papai Noel, na segunda história. Na última história, percebe-se o desejo de rompimento do vínculo de dependência e infantilidade com a mãe, sendo, porém, projetado na figura materna o desejo de união indissociável e fazendo eclodir o conflito que esses desejos contraditórios provocam. O material sugere a dificuldade de assumir uma posição adulta diante da própria vida, o que envolve inevitavelmente uma ruptura no vínculo com os pais da infância. Por outro lado, pode-se pensar que a família também exerça uma força na manutenção da dependência do filho, contribuindo para o prolongamento da infância e adolescência e procurando privá-lo do enfrentamento com os desafios da maturidade.

Se eu preciso fazer alguma coisa, às vezes meus pais deixam de fazer coisas deles pra que eu possa fazer as minhas [...] Não ajudo em casa, pago as coisas que são mais pra mim [...] A grande vantagem é que você não tem uma série de despesas que teria se morasse sozinho, então não me sinto assim como o chefe da família, né? Então essa é a grande vantagem. (Participante 3).

Para os pais, o crescimento do filho pode representar a perda do antigo vínculo infantil e dependente que o filho mantinha com eles, o que envolve um processo de luto (Aberastury, 1980). Em razão disso, os pais, assim como o filho, experimentam uma ambivalência quanto à separação do filho adulto:

a individuação de um filho é um anseio familiar de reprodução social, no entanto denota uma forte ambivalência na forma como pais e mães relacionam-se com seus filhos, tratando-os como adultos responsáveis e independentes, mas exercendo uma vigilância contínua no que diz respeito ao modo como essa autonomia se realiza. (Cervený, *et al.*, 1997, p. 107-108).

Passividade e insegurança

Juntamente com as características de dependência e imaturidade, observou-se nos participantes, a presença de

traços de passividade e sentimentos de insegurança quanto às próprias capacidades, que podem atuar como fatores significativos da permanência prolongada na casa dos pais.

Os planos de sair da casa dos pais, embora conscientemente expressos por todos os participantes, são geralmente pensados para um futuro indefinido e incerto, com justificativas econômicas que impedem sua concretização imediata. Por exemplo, o participante 3, ao ser indagado sobre como se sente morando com os pais, respondeu:

Agora está começando a me incomodar um pouquinho, né? [risos]. O meu sonho, logo mais, é morar sozinho. Eu quero então comprar um apartamento, quero morar sozinho, mas não é uma coisa que, assim, é super prioridade, uma das coisas que eu quero fazer a qualquer custo [...] Então é uma coisa que não tem prazo definido ainda. (Participante 3).

O conflito gerado pela situação parece mascarado por argumentos racionais de ordem financeira, prevalecendo um desejo de não mudar a situação vivida, mudança essa lançada para um futuro indefinido. O que transparece é uma atitude passiva diante da própria vida, sem uma busca efetiva de independência e autonomia. Também as referências ao “comodismo” que os mantêm morando com os pais, feitas por alguns participantes, fazem supor traços de passividade que geram uma tendência à estagnação e imobilidade. Ao mesmo tempo, porém, o outro polo do conflito, que deseja e anseia pelo crescimento, faz-se presente:

A desvantagem é dessa questão de aprendizado, passar por algumas coisas, de repente chegar numa segunda-feira e saber, por exemplo, vou ter que passar roupa para ir trabalhar, abrir a geladeira e dizer, putz, esqueci de fazer compra [...] É você não sentir na pele algumas coisas assim. (Participante 3).

Tendo a noção de que a situação de dependência o mantém na posição de quem não se vê capaz de cuidar de si mesmo, esse participante anseia encorajar-se para romper essa condição e adquirir, assim, a aprendizagem do viver de forma autônoma.

Essa situação emocional pode ser relacionada ao que Blos considera uma tendência característica da adolescência prolongada, que é o temor de não encontrar, no mundo externo à família, a confirmação do investimento e da valorização narcisista que os pais realizam no filho:

A adolescência prolongada evita a crise de uma percepção esmagadora de que o mundo fora da família não reconhece o papel imaginário que a criança desempenhou por quase duas décadas de sua vida. (Blos, 1996, p. 32).

Mantendo-se na posição narcisista infantil, o jovem descrê de sua própria capacidade de realização no plano das atuações adultas e maduras.

O TAT revelou-se um instrumento muito útil nesta pesquisa, trazendo à tona aspectos psicológicos importantes, como a passividade, a sensação de insegurança e dúvida quanto às próprias capacidades, que se destacaram em alguns participantes de forma inequívoca por meio do instrumento.

Eu tenho que falar o quê? O que esse moleque tá sentindo? É isso? O que eu tô vendo é um moleque pensando, estudando. Tá chateado, pensativo. É isso que estou vendo.

[O que ele está pensando?] Que ele não está nem um pouco a fim de estudar.

[Como acaba a história?] Não vai mudar nada disso daqui, vai continuar tirando nota vermelha. Se é que está estudando, né? É um livro, né? É um livro isso aqui? Ou é um violino? Se é um violino, ele não sabe por onde começar a tocar, e acha que não vai conseguir tocar. (História do participante 4 à prancha 1).

Ah, pode ser um cara no emprego, dando uma dica para um funcionário, dando uma bronca no cara. Está dando um conselho pro cara no trampo, alguma coisa deu errado e instruindo a fazer a coisa certa...

[O que ele está sentindo?] Ah, ele está ansioso, está com medo de não conseguir fazer o que o cara tá pedindo, de não ter capacidade. Ele está prestando atenção, tá tenso...

[E o que acontece depois?] Dessa conversa? Bom, depois dessa conversa o cara se dá bem no trampo, seguiu o conselho do cara que é mais velho... (História do participante 4 à prancha 7RH).

Vou falar uma história meio rápida [...] Bom, esse garoto tá olhando para o violino, né? Ele está... não, ele provavelmente tinha uma apresentação de violino para fazer daqui uns minutos. Ele estava ansioso, se sentindo pressionado por alguma coisa. Tem que falar o que aconteceu antes, né? Antes ele estava conversando com o pai sobre a apresentação, o pai disse que vai dar tudo certo, pra ele se acalmar, que aos poucos ele ia se tornar o melhor violinista do mundo. Depois deu tudo certo,

ele conseguiu tocar direitinho. (História do participante 2 à prancha 1).

Nessas histórias é possível verificar a presença do conflito referente aos sentimentos de capacidade *versus* incapacidade, possivelmente significativo nos participantes da pesquisa. A primeira história retrata, por meio de seu herói ou personagem principal (Silva, 1989), a sensação de incapacidade insuperável que gera um sentimento de fracasso na tentativa de realização. Na segunda história, a realização acontece, mas depende da ajuda exterior, fazendo supor uma falta de confiança nas próprias capacidades. Na terceira, um personagem, que não faz parte do estímulo, é introduzido, com a função de dar apoio e confiança ao herói, e para acenar com uma realização idealizada (*ele ia se tornar o melhor violinista do mundo*), capaz de compensar magicamente qualquer dúvida quanto à própria capacidade. A presença de diversas perguntas ao entrevistador durante o relato das histórias, dirigidas no sentido de obter uma confirmação para suas respostas, faz supor uma insegurança e falta de autoconfiança para suas afirmações pessoais.

A sensação de incapacidade e de insegurança pode, muitas vezes, gerar diversas incertezas quanto ao próprio futuro, levando o indivíduo a duvidar da capacidade de realizar-se e de fazer maiores conquistas:

Não procuro uma expectativa muito grande, mesmo porque minha idade já, eu tô ali, se eu não explodir daqui cinco anos e mudar de emprego, eu não vou sair mais disso, então, por enquanto, meu caminhar hoje é um emprego razoável, não vou estar no pico, mas também não vou lá embaixo, um emprego razoável, mediano... (Participante 1).

O conflito edípico

Seguindo o pensamento dos autores mencionados neste trabalho, a entrada na vida adulta supõe um processo de finalização da adolescência, o que implica a superação do conflito edípico que retorna nessa fase, possibilitando a ruptura do vínculo infantil e incestuoso com os pais. Faz parte do crescimento psicológico o desligamento das figuras parentais e a busca de vínculos que substituam as primitivas formas de relação com elas.

Esta pesquisa permitiu verificar a existência de uma forte ligação dos participantes com a família de origem, com características de dependência e infantilidade, como já apontado. Além disso, percebeu-se que, nos dois casos em que o pai era falecido, consolidou-se um vínculo especialmente estreito entre o participante e sua mãe.

Tudo o que minha mãe precisa ela fala comigo, vamos fazer isso, não vamos, a gente tem bastante contato, nenhum toma a decisão sozinho, eu me sinto um pouco até às vezes sobrecarregado, mas é tranquilo [...] E a vantagem de estar sempre perto da minha mãe. (Participante 1).

Aqui só moramos eu e minha mãe [...] É tranquilo viu? Eu e minha mãe conversamos, ficamos vendo TV juntos, não costumamos brigar, não. Já brigamos mais antes, mas hoje em dia é uma relação de... como que fala? Quando um ajuda o outro e tal? Ah! Companheirismo... [risos]. É uma relação de companheirismo mesmo, porque somos só nós dois. (Participante 2).

Talvez a forte ligação com a mãe, que se estabeleceu nesses dois casos, tenha sido acentuada pela falta do pai na vida familiar, estreitando os laços entre mãe e filho e mantendo uma relação que gera gratificações a ambos. Porém, essa estreita vinculação pode dificultar o processo de separação entre mãe e filho, necessário para o ganho de autonomia e individuação do filho e para a adequada superação de seu conflito edípico. O desenvolvimento psicológico ficaria, nesse caso, comprometido, em função da manutenção de um vínculo amoroso infantil e regressivo.

O participante 1 afirma que as decisões que se referem às questões domésticas são sempre compartilhadas entre ele e a mãe, de modo a evidenciar o papel assumido no vínculo com ela, que corresponde, em parte, ao lugar do pai após sua morte:

Eu já tenho minha independência só que eu tenho que ajudar em casa [...] meus irmãos também ajudam, com relação ao financeiro. E minha ajuda em casa é aquela ajuda como se fosse um pai, quebrou um negócio ali, precisa arrumar [...] (Participante 1).

Esse participante assumiu as funções de homem da família, sentindo-se, inclusive, responsável por seus sobrinhos que moravam em sua casa. O papel do filho torna-se semelhante ao de um “chefe” da casa, substituindo, em parte, o lugar vazio deixado pelo pai. Ambos, mãe e filho, precisam um do outro, mantendo um vínculo inseparável e que gera sentimentos de mútua dependência. Porém, essa situação emocional provoca conflitos por envolver uma difícil função psíquica, advindo a sensação de peso e sobrecarga mencionada pelo participante 1, embora logo em seguida minimizada em sua força: “eu me sinto um pouco até às vezes sobrecarregado, mas é tranquilo”.

A relação dos participantes 1 e 2 com a figura paterna foi representada em suas respostas à prancha 7RH do TAT como distante ou superficial, revelando a ausência do pai em suas vidas:

Aqui são pai e filho conversando, eles vieram de uma festa onde se divertiram, ou melhor, chegaram numa festa, vieram de casa, acabaram de chegar, não tem muita gente, estão conversando ainda baixo porque não tem muita gente, esperando o pessoal chegar pra festa começar. Depois que eles acabam de conversar, cada um vai pro seu lado, ele vai pro lado dos amigos deles, que são um pouco mais jovens, ele vai pro lado dos amigos que, são um pouco mais velhos, como mais ou menos sempre acontece em festas, ao primeiro momento conversam, depois tem a janta, todo mundo se reúne pra dançar e se divertir.

[O que estavam conversando?] Ah, sobre futebol, estão falando em como pode ser a festa, de quem irá chegar ou não.

[Como é o relacionamento entre eles?] Bom, sem brigas, discussões.

[O que acontece depois?] Eles se divertem, vão pra casa e dormem. (História do participante 1 à prancha 7RH).

Essa aí é difícil, hein?... Primeiro tá o mais velho começando um sorriso, aparentemente desinteressado nesta festa que está acontecendo. Eles estão de terno, é uma festa chique. O mais jovem é sobrinho deste mais velho. O mais jovem está achando essa festa muito chata e está entediado. Ele não queria estar aí [...] Está comendo alguns salgados, bebendo algo... e pensando que quer ir embora. Depois que a festa acabou ele deu graças a Deus e foi embora pra uma festa com os amigos dele. Como era a relação do tio com o sobrinho?) Superficial, nada muito profundo, se encontravam só em festas de família mesmo. (História do participante 2 à prancha 7RH).

A distância da figura paterna (representada nessa última história pelo tio) coloca em relevo a falta desse terceiro personagem no vínculo dual estabelecido com a mãe. Sabemos que essa falta pode bloquear os processos de crescimento e amadurecimento do filho, mantendo-o aprisionado no vínculo simbiótico com a mãe e impedindo a elaboração satisfatória do complexo de Édipo infantil. A ruptura do vínculo mãe-filho significaria uma castração difícil de ser suportada, mas necessária para o desenvolvimento psicológico do sujeito.

A individuação do adolescente também pode ser descrita como um desligamento progressivo de objetos amorosos primários, ou seja, das figuras parentais infantis ou seus substitutos. (Blos, 1996, p. 81).

Os participantes 3 e 4, que moram com ambos os pais, retratam em suas falas um tipo de relação com a figura paterna pautada, basicamente, pela permissividade e ausência de cobranças mais adultas e maduras:

Eu não tenho nenhum tipo de obrigação em casa. As minhas contas eu que pago, né? Mas não ajudo em casa, nunca precisei ajudar em casa. Pago as coisas que são mais pra mim, né?

[E os afazeres?] Afazeres domésticos eu ajudo, assim, no que é possível... mas não é uma obrigação. Faço porque quero. (Participante 3).

Meu pai é um cara supertranquilo, ele sempre me diz: se você quiser sair, você sai, mas se não quiser sair, não sai; é um prazer você ficar aqui. Quanto mais tempo você ficar aqui, melhor pra mim, melhor pra você. Você vê que o cara gosta que você fique... (Participante 4).

Nesses casos, a relação com o pai pode ajudar a manter a dependência do filho do meio familiar de origem, preservando um nível de imaturidade e falta de compromisso com as exigências da vida adulta. Portanto, o “corte” simbólico com a mãe e a família de origem não é plenamente realizado por meio das funções paternas, capazes de estabelecer a lei e os limites na vida do filho.

Considerações finais

A saída da casa dos pais representa um evento no desenvolvimento do indivíduo que marca a passagem para uma nova fase. Para sua ocorrência contribuem fatores individuais, familiares e sociais. Esta pesquisa procurou compreender os fatores psicológicos individuais subjacentes ao prolongamento da permanência na casa da família de origem. Verificou-se que muitas justificativas racionais para a situação fazem parte de um “conteúdo manifesto” que encobre outro conteúdo mais profundo, latente.

Em virtude do pequeno número de participantes, não se pode fazer amplas generalizações dos resultados, sendo indicado que outras pesquisas tragam mais elementos comparativos. Outra limitação deve-se à não inclusão dos familiares dos sujeitos no estudo, a fim de verificar sua participação sobre o fenômeno analisado. O tema sugere outras pesquisas que aprofundem e envolvam melhor todas essas faces da situação.

O uso de um teste projetivo como instrumento complementar da pesquisa revelou-se muito fecundo, permitindo o aprofundamento na abordagem do fenômeno estudado e enriquecendo os dados obtidos por meio das entrevistas. Considerou-se que a pesquisa atingiu os objetivos propostos e permitiu uma ampliação do conhecimento sobre o tema.

Referências

- Aberastury, A. (Org.). (1980). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blos, P. (1996). A adolescência masculina prolongada: formulação de uma síndrome e suas implicações terapêuticas. In: Blos, P. *Transição adolescente: questões desenvolvimentais* (pp. 28-38). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Camarano, A. A. (Org.). (2006). *Transição para vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea.
- Camarano, A. A., Mello, J. L., Pasinato, M. T., & Kanso, S. (2005). Caminhos para a vida adulta: As múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última Década*, 12(21), 11-50.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. O., et al. (1997). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cobo, B., Saboia, A. L. (2010). A “geração canguru” no Brasil. *Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Caxambu, MG, Brasil, Recuperado em 20 de Março, 2011, de http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_12/abep2010_2645.pdf
- Dolto, F. (1990). *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. Salomão, J.) (v. 7., pp. 123-252). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Henriques, C. R., Jablonsky, B. & Feres-Carneiro, T. (2004). A geração canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Revista Psico*, São Paulo. Recuperado em 08 de Novembro de 2011, de <http://www.bernardojablonski.com/pdfs/producao/geracao_canguru.pdf>.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2009). O processo de separação-individuação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 353-361.
- Machado, B. G., & Predebon, J. C. (2008). “Geração canguru”: uma nova configuração da família contemporânea. *Anais do IX Salão de Iniciação Científica e Trabalhos Acadêmicos*, Guaíba, RS, Brasil, Recuperado em 22 de Março de 2011, de <http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisa/2008/artigos/psicologia/332.pdf>.
- Mahler, M. S. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pikunas, J. (1981). *Desenvolvimento humano: uma ciência emergente*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Silva, M. C. V. M. (1989). *TAT: Aplicação e interpretação do Teste de Apercepção Temática*. São Paulo: EPU.
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006, outubro - dezembro) Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514.

APÊNDICE 1
ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Nome (Iniciais):
2. Idade:
3. Nacionalidade:
4. Naturalidade:
5. Escolaridade:
 - Fundamental incompleto
 - Fundamental completo
 - Médio incompleto
 - Médio completo
 - Superior incompleto
 - Superior completo
 - Pós-graduação
 - Outros (favor especificar)
6. Estado civil:
 - Solteiro
 - Casado
 - Viúvo
 - Divorciado
 - União estável
7. Atualmente trabalha:
 - Sim
 - Não, estou desempregado.
 - Nunca trabalhei
8. Renda mensal média:
 - De 2.500,00 até 3.500,00
 - De 3.600,00 até 7.999,00
 - De 8.000,00 até 14.999,00
 - Acima de 15.000,00
9. Constituição familiar:
10. Tem irmãos? Quantos? Sexo? Idade?
11. Com quem você mora?
12. Conte um pouco sobre a sua relação com as pessoas com quem você mora.
13. Como é relação entre seus pais? Eles são casados?
14. Conte um pouco sobre a sua rotina e a de sua família.
15. Você participa das atividades da sua casa? Tem algum tipo de obrigação?
16. Como você se sente morando com seus pais?
17. Quais as vantagens e desvantagens de morar com seus pais?
18. Quais são seus *hobbies*?
19. Como você se vê no futuro?
20. Você pretende sair um dia da casa de seus pais? Por quê?
21. Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

ANEXO 1

**CARTA DE INFORMAÇÃO
AO SUJEITO DE PESQUISA**

Esta pesquisa tem como intuito compreender os fatores que contribuem para a permanência de adultos do sexo masculino na casa dos pais. Para tanto, realizaremos uma entrevista individual seguindo um roteiro preestabelecido, após o qual serão aplicadas três pranchas do Teste de Apercepção Temática (TAT) com homens acima de 30 anos que residem com os pais. Para tal solicitamos sua autorização para a realização dos procedimentos previstos. O contato interpessoal e a realização dos procedimentos oferecem riscos psicológicos mínimos aos participantes. As pessoas não serão obrigadas a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. Em eventual situação de desconforto, sofrimento ou prejuízo causado pela pesquisa, os participantes poderão cessar sua colaboração sem consequências negativas. Todos os assuntos abordados serão utilizados sem a identificação dos participantes. Quaisquer dúvidas que existirem agora ou a qualquer momento poderão ser esclarecidas, bastando entrar em contato pelo telefone XXXXX. Ressaltamos que se trata de pesquisa com finalidade acadêmica e que seus resultados serão divulgados em trabalho acadêmico e eventual encontro científico, obedecendo ao sigilo, sendo alterados quaisquer dados que possibilitem a identificação de participantes. De acordo com estes termos, favor assinar abaixo. Uma cópia deste documento ficará com o participante da pesquisa e outra com o(s) pesquisador(es). Obrigado.

.....
nome e assinatura do pesquisador

nome e assinatura do orientador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor (a) _____
_____, participante da pesquisa, após a leitura da Carta de Informação ao sujeito de pesquisa e ciente dos procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO quanto à realização da pesquisa. Fica claro que o(a) senhor(a), a qualquer momento, poderá retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente de que todo o trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional. São Paulo,..... dede.....

Assinatura do sujeito ou seu representante legal